



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ROMERIA DAVINA VIEIRA VERAS

**O PERCURSO ESTUDANTIL DE ALUNAS CASADAS DO CURSO DE
PEDAGOGIA DO CFP-UFCG: DILEMAS E SUPERAÇÕES DA DUPLA JORNADA.**

**CAJAZEIRAS- PB
2015**

ROMERIA DAVINA VIEIRA VERAS

**O PERCURSO ESTUDANTIL DE ALUNAS CASADAS DO CURSO DE
PEDAGOGIA DO CFP-UFCG : DILEMAS E SUPERAÇÕES DA DUPLA
JORNADA.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador (a): Prof^a Ms Edinaura Almeida de Araujo

CAJAZEIRAS- PB
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço- Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

V476p Veras, Romeria Davina Vieira
O percurso estudantil de alunas casadas do curso de pedagogia do CFP-UFCG: dilemas e superações da dupla jornada. / Romeria Davina Vieira Veras . Cajazeiras, 2015.

57f. il.

Bibliografia.

Orientador (a): Prof(a). Edinaura Almeida de Araújo.

Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Mulheres casadas- vida acadêmica. 2. Pedagogia- UFCG-CFP.
3. Estudantes Universitários. I. Araújo, Edinaura Almeida de. II.
Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –378-057.87

ROMERIA DAVINA VIEIRA VERAS

O PERCURSO ESTUDANTIL DE ALUNAS CASADAS DO CURSO DE
PEDAGOGIA DO CFP-UFCG : DILEMAS E SUPERAÇÕES DA DUPLA
JORNADA.

Aprovada em 03 de Dezembro de 2015

BANCA EXAMINADORA

Edinaura Almeida de Araujo

Prof.º Ms. Edinaura Almeida de Araujo
Presidente da Banca/UFCG-CFP-UACEN

Zildene Francisca Pereira

Prof.º Drª. Zildene Francisca Pereira
Examinador(a)/UFCG-CFP-UAE

Maria Leneida Ramalho Bueno

Prof.º Esp. Ioneida Ramalho Bueno
Examinador(a)/UFCG-CFP-UACEN

Maria de Lourdes Campos

Prof.º Drª Maria de Lourdes Campos
Membro Suplente/UFCG-CFP-UAE

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, pela saúde, fé e perseverança que tem me dado. A minha família – esposo, filhos e parentes -, que sempre me apoiaram nas horas de dificuldade, em especial, aos meus pais que foram meu porto seguro em todos os momentos de dificuldades pelos quais passei e não me deixaram desistir, e a meu esposo por ter sido companheiro e compreensivo durante minha trajetória,

Dedico também a minha vizinha e comadre Genúzia Araújo que ficava com meus filhos sempre que precisava para que eu pudesse estudar. A todos, desejo de coração, que as portas do sucesso sempre estejam abertas para eles, e a professora Edinaura que com muita paciência me orientou, a Camila Mendes, por que me ajudou nas dúvidas que tive nos trabalhos de apresentação, corrigindo-os e explicando-me, e por fim as minhas colegas de sala que fizeram com que cada dia de aula por mais cansativa que fosse estávamos sempre sorrindo, em especial na pessoa de Mécia Gonçalves e Roselândia Ferreira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao nosso **Deus**, Bom e Generoso, que me proporcionou chegar até aqui, e que com certeza estará comigo sempre, iluminado meu caminho e dando-me forças para enfrentar os desafios.

Aos meus **familiares** que sempre me apoiaram durante toda minha trajetória de vida acadêmica.

Aos colegas, uma palavra amiga, como é possível estabelecer uma relação tão próxima e especial entre pessoas tão diversas, de mundos e de ideias, que apenas se compactuam, em ambiente formal de sala de aula. O espírito de ajuda, o bom-humor, o ambiente acolhedor, o conforto e o incentivo nos momentos difíceis, o apoio constante, foi o que pautou o convívio entre uma e outra disciplina.

“É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta”.

Simone de Beauvoir

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 5.1 Como ocorreu seu ingresso na universidade?	34
Figura 5.2 Seu curso é diurno ou noturno?	36
Figura 5.3 Sua vida matrimonial se deu antes ou durante o curso de Pedagogia?..	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 5.1: Como se deu o seu processo de escolarização?	33
Tabela 5.2: O horário do seu curso favorece ou dificulta sua assiduidade?	37
Tabela 5.3: Você tem filhos? Quantos?	39
Tabela 5.4: A discente mãe tem mais dificuldade? Porque?	40
Tabela 5.5: Seu companheiro ou companheira incentiva sua vida acadêmica. Sim ou não. Justificar	40
Tabela 5.6: Como os educadores percebem sua vida acadêmica?	41
Tabela 5.7: Quais as estratégias empreendidas por você e também por sua família, para a obtenção de um título de formação superior?	42
Tabela 5.8: Quais seriam as circunstâncias favorecedoras (ou dificultadoras) para sua permanência e longevidade na universidade?	43
Tabela 5.9: Como você faz para conciliar os três segmentos diários. Casa, Trabalho e Universidade?	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP – Centro de Formação de professores

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

IES – Instituição de Educação Superior.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

MEC – Ministério da Educação

Sisu – Sistema de Seleção Unificada

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

A vida social moderna e o imediatismo não oportuniza a reflexão para pensar na grandeza de conseguirmos sobreviver a tantas obrigações, compromissos, deveres e tarefas a realizar. Chegar a um curso superior, com essas exigências que o mundo moderno oferece não é fácil, principalmente se o sujeito for uma mulher e esta ser casada. Dessa forma, este estudo trata sobre o percurso estudantil das mulheres casadas do Curso de Pedagogia do CFP-UFCG: dilemas e superações da dupla jornada e consiste em uma análise das dificuldades enfrentadas pelas mulheres casadas para concluir o curso de Pedagogia, especificamente no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Campus/Cajazeiras, e tem como objetivos identificar as principais motivações que levam essas mulheres a permanecerem e concluírem o curso, apontar os desafios enfrentados por essas mulheres no decorrer da vida acadêmica, considerando a inserção das mulheres na vida social e no trabalho, sua entrada nas escolas e nas universidades do Brasil, como também a questão mãe e aluna: impasses da dupla jornada. Neste sentido, a partir de um levantamento bibliográfico e de uma pesquisa de campo, como metodologia para a construção deste trabalho fundamentada em alguns autores como Priore e Bassanezi (2011), Freire (1996-1999), Beauvoir(1975) entre outros. A partir disso surge o grande desafio para as mulheres dessa geração, que é de tentativa conciliar a carreira profissional com o trabalho doméstico, filhos e vida acadêmica, no qual se veem em uma múltipla jornada, ao mesmo tempo em que querem ser competentes em todos esses segmentos. Esta reflexão acerca do acúmulo de tarefas, torna-se relevante para a compreensão da configuração do papel da mulher moderna e da forma como ela exerce os seus direitos perante a discriminação ainda existente na sociedade.

Palavras-Chave: Mulheres Casadas, Dupla Jornada, Curso de Pedagogia.

ABSTRACT

Modern social life and the immediacy gives opportunity no reflection to think of the greatness we can survive so many obligations, commitments, duties and tasks to be performed. Reach a higher course with these requirements that the modern world offers is not easy, especially if the subject is a woman and that being married. Thus, this study deals with the student route of married women in the course of Pedagogy of the CFP-UFCG: dilemmas and overruns of double shift and consists of an analysis of the difficulties faced by married women to complete the Faculty of Education, specifically in Centre Teacher Training of the Federal University of Campina Grande, Campus / Cajazeiras, and aims to identify the main motivations that lead these women to remain and complete the course, pointing out the challenges faced by these women during the academic life, considering the inclusion of women in social life and work, its entry in schools and universities in Brazil, as well as the issue mother and student: impasses of double shift. In this sense, from a literature review and field research as a methodology for the construction of this work based on some authors as Priore and Bassanezi (2011), Freire (1996-1999) Beauvoir (1975) among others. From that protested the great challenge for women of that generation, which is trying to reconcile professional career with the housework, children and academic life, which find themselves in a multiple journey, while they want to be competent in all these segments. This reflection on the accumulation of tasks, it is relevant to understanding the configuration of the role of modern women and the way it exercises its rights under the still existing discrimination in society.

Keywords: Married Women, Twin Day, School of Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. UMA REFLEXÃO SOBRE A INSERÇÃO DAS MULHERES NA VIDA SOCIAL E NO TRABALHO	18
2.1 Trilhando barreiras e caminhos	18
2.2 O que se diz e o que se vê sobre a mulher no mercado de trabalho: os escritos e os vividos	20
3. DO TRABALHO À SALA DE AULA. A MULHER BRASILEIRA E SUAS LUTAS	23
3.1 Mulher que lida, mulher que aprende	23
3.2 A Mulher e a Educação como meio de libertação.	25
3.3 Mulher X Universidade: Dificuldades e Superações.....	27
4. MÃE E ALUNA: IMPASSES DA DUPLA JORNADA.....	30
4.1 A maternidade, a escolarização e o trabalho- impactos e dilemas.....	30
5. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	34
6. DIALOGANDO COM OS DADOS.....	46
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE.....	53
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	
ANEXOS.....	56
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	

INTRODUÇÃO

A escolha do tema se deu pelas adversidades vivenciadas ao longo do curso, no sentido de conciliar a vida cotidiana com a vida acadêmica, e pela observação de que o mesmo ocorria com a grande maioria das mulheres, considerando que a vida universitária exige que os acadêmicos tenham um alto grau de dedicação e isso exige exclusividade de tempo, dada à complexidade e aprofundamento dos trabalhos, necessários ao cumprimento das ementas.

Sempre fui uma criança que não gostava de estudar, mas também sempre ouvia dos meus pais que, enquanto estivesse no poder deles eu e meus irmãos teríamos que estudar. Terminei o nível médio em 2001, depois não quis mais estudar, só pensava em trabalhar. O tempo passou, me casei em 2005 e tive o primeiro filho em 2006, e o segundo em 2008, e por ouvir da minha mãe que seu maior sonho seria ver seu três filhos formados, foi que fui sentindo à necessidade de voltar para a sala de aula e dar esse prazer a ela, mas havia um pequeno “problema”, estava casada e com dois filhos pequenos. Mas como tenho uma família muito unida, meus pais e meu esposo não mediram esforços para me ajudar.

Fiz o vestibular em 2009 e fui aprovada para o Curso de Pedagogia, para iniciar no período 2010.2, foi aí que as dificuldades surgiram, com quem deixar as crianças, casa e o trabalho? Como conseguiria conciliar? Tudo isso perturbava minha cabeça, mas aos poucos foram se resolvendo, e ao mesmo tempo as dificuldades da vida acadêmica aumentando, trabalhos, projetos, leitura etc, como iria estudar se em casa tinha que cuidar das crianças, organizar a casa e trabalhar, mais um dilema a ser enfrentado. A alternativa que eu tinha era prestar bastante atenção, e o que fosse para casa, fazer de madrugada. Em 2012 engravidei do terceiro filho, foi uma menina a tão esperada menina da família, e agora o que fazer? Como estudar? Tive uma gravidez de risco, praticamente os nove meses de repouso, a sorte foi que a universidade entrou em greve, e quando retornou, praticamente já ia entrar de licença maternidade. Durante o período da licença estudei em casa, estava muito bom, mas e quando voltar? Com quem ficariam três crianças? Começava novamente mais um dilema, pensei em desistir, mas minha mãe não permitiu, e estou até hoje.

O presente trabalho trata sobre o percurso estudantil de mulheres casadas do curso de pedagogia do CFP-UFCG: dilemas e superações da dupla jornada, como proposta de análise das dificuldades enfrentadas pelas mulheres casadas para concluir o curso de Pedagogia, especificamente no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras.

Partindo dessa temática, investigamos quais estratégias as mulheres casadas utilizaram para frequentar o curso de Pedagogia, identificando as principais motivações que levam essas mulheres a permanecerem e concluírem o curso, bem como apontar os desafios enfrentados por essas mulheres no decorrer da vida acadêmica.

Neste sentido, realizamos um levantamento bibliográfico acerca das lutas das mulheres para conquistar a igualdade de direitos, a justiça social, econômica, trabalhista e política, com a perspectiva de que a mulher submissa e tratada como objeto, o "sexo frágil", está cada vez mais deixando de existir, dando lugar à mulher batalhadora, independente, trabalhadora, ciente de seus direitos perante a sociedade, desconstruindo tabus, revolucionando tradições, marcando presença em lugares antes restritos somente aos homens.

Um dos grandes direitos reivindicados e conquistados pelas mulheres foi o de estudar, e a cada dia que se passa, as mulheres vem conquistando sua independência, e lutando cada vez mais pela sua participação no mercado de trabalho. Com isso, a busca pela escolarização aumenta, fazendo com que elas se voltem para a escola, bem como as universidades.

Mas, como conciliar casa, trabalho, filhos e universidade? Esses e outros questionamentos nortearam esse trabalho, pois o imediatismo da vida social moderna não dá oportunidades de pararmos para pensar na grandeza de conseguir arcar com tantas obrigações, compromissos, deveres e tarefas a realizar.

Considerando isto, percebemos que, muitas vezes, as trabalhadoras que conseguem chegar a um curso superior deparam-se com as exigências que este nível de ensino impõe, e se encontram com os mais variados tipos de sentimentos como o medo e vontade de desistir.

Nesse contexto emerge a relevância da nossa investigação, pois observamos que essa insegurança ocorria com a grande maioria das mulheres casadas do Curso de Pedagogia, considerando que a vida universitária exige que os

acadêmicos tenham um alto grau de dedicação e isso demanda exclusividade de tempo, dada à complexidade e aprofundamento dos trabalhos necessários ao cumprimento das ementas.

Para a realização do trabalho, utilizamos uma pesquisa bibliográfica, abordando alguns autores como Priore e Bassanezi (2011) com a obra História das mulheres no Brasil, Freire (1996-1999) com as obras A Educação como Prática da liberdade e A pedagogia da libertação em Paulo Freire, Beauvoir(1975) com o segundo sexo, bem como outras obras como jornais, revistas e artigos publicados na internet.

Posto o caráter qualitativo do nosso trabalho, buscamos compreender e/ou refletir sobre as dificuldades e estratégias das mulheres casadas para concluir o curso de pedagogia. Realizamos uma pesquisa de campo e, como instrumento de coleta de dados, utilizamos um questionário, objetivando informações sobre a vida acadêmica das discentes, as quais foram analisadas de acordo com o período em que se encontravam. Tivemos como sujeitos da pesquisa 9 (nove) alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras PB, sendo 3 (três) alunas do segundo período, 3 (três) do sexto período e 3 (três) do décimo período.

Após a coleta dos dados foi realizada uma análise qualitativa dos dados coletados fundamentada nos estudos bibliográficos que contemplaram a temática abordada, considerando as concepções teóricas que fundamentaram os estudos e resultados apresentados.

Como melhor forma de compreender o trabalho, o mesmo foi sistematizado em capítulos, No capítulo 1, apresentamos uma reflexão sobre a inserção das mulheres na vida social e no trabalho. No segundo, abordaremos a temática Do trabalho a sala de aula. A mulher brasileira e suas lutas. No terceiro capítulo falaremos sobre Mãe e aluna: impasses da dupla jornada. E ainda um quarto capítulo em que encontra-se a análise de dados baseado nos relatos da pesquisa que foi realizada por meio de um questionário, respondido pelas alunas analisadas e, por fim, as considerações finais do trabalho no qual destacamos a luta pela igualdade entre os gêneros em nome da dignidade humana.

2 UMA REFLEXÃO SOBRE A INSERÇÃO DAS MULHERES NA VIDA SOCIAL E NO TRABALHO

2.1 Trilhando barreiras e caminhos

Durante muitos anos, a nossa sociedade foi regida pelo modelo patriarcal e não era permitido às mulheres ganharem dinheiro por meio do trabalho, exceto as pertencentes a classes desfavorecidas, que trabalhavam de empregadas domésticas ou faziam trabalhos manuais, como bordados, para sustentar seus filhos.

Foi a partir de grandes marcos históricos como as guerras mundiais (1914-1918 e 1939 – 1945) e a Revolução Industrial que as mulheres foram adentrando no mercado de trabalho. Considerando o crescimento do setor industrial, o desenvolvimento tecnológico e o aumento da demanda pela mão de obra, os trabalhadores das indústrias ganhavam pouco em troca da sua mão de obra e, para garantir o sustento da família, as mulheres foram inseridas no mercado de trabalho, embora com salários mais baixos.

Além disso, uma vez que os homens eram recrutados para as guerras e, com isso, houve um grande avanço em relação ao papel da mulher na sociedade, bem como no mercado de trabalho, tendo em vista que muitos homens que voltavam das guerras chegavam mutilados e impedidos de trabalhar, as mulheres sentiram a necessidade de dar continuidade aos trabalhos antes realizados pelos homens, deixando de ser apenas domésticas e passando a ser provedoras do lar. Mello (2015, p.1), destaca:

Foi no final do século XIX e começo do século XX, que a Europa assistia a um fortalecimento dos movimentos feministas. Mulheres reivindicavam maior participação política e maior espaço no mercado de trabalho. O trabalho nas fábricas resumia-se aos setores têxteis, às escolas e a alguns postos do governo. No âmbito doméstico, trabalhavam como faxineiras, babás ou em creches. A Primeira Guerra Mundial, no entanto, interrompe o movimento, ao mobilizar as mulheres para o esforço de guerra. Na Grã-Bretanha, elas foram trabalhar em fábricas e em serviços auxiliares, e ainda foram convocadas para compor o efetivo de grupamentos femininos das diferentes forças armadas. Entretanto, elas recebiam bem menos que os homens pelo mesmo serviço.

Tendo em vista as diversas trajetórias enfrentadas pelas mulheres, pode-se analisar que a mulher o século XXI deixou de ser aquela vista somente como mãe, e responsável pelo cuidado da casa. E com isso houve uma ruptura na ideologia da mulher doméstica, tomando na atualidade grande importância quanto a sua inserção no mercado de trabalho, na vida social, política e cultural, deixando marcas para as futuras gerações. Elas estão nos mais diversos segmentos no mundo do trabalho, com isso suas vidas ganham novos significados no que diz respeito a relação mulher-família, tornando-a mais autônoma e independente.

Nos dias atuais podemos constatar que ainda há muito que ser conquistado pelas mulheres, bem como o respeito no mercado de trabalho, pois ainda é muito grande a discriminação.

Probst (2007, p. 7), destaca:

Apesar da evolução da mulher dentro de uma atividade que era antes exclusivamente masculina, e apesar de ter adquirido mais instrução, os salários não acompanharam este crescimento. As mulheres ganham cerca de 30% menos que os homens exercendo a mesma função. Conforme o salário cresce, cai a participação feminina. Entre aqueles que recebem mais de vinte salários, apenas 19,3% são mulheres. Embora exista uma certa discriminação em relação ao trabalho feminino, elas estão conseguindo um espaço muito grande em áreas que antes era reduto masculino, e ganhou o respeito mostrando um profissionalismo muito grande. Apesar de ser de forma ainda pequena, está sendo cada vez maior o número de mulheres que ganham mais que o marido.

As múltiplas jornadas que as mulheres enfrentam, devido a tão sonhada independência, faz com que isso se torne, muitas vezes, um fardo para suas vidas. O que as mulheres lutam é pela igualdade de gênero, e pela divisão de tarefas domésticas, bem como a criação dos filhos.

As concepções acima citadas fazem parte de um período onde a mulher além de ser submissa ao homem não encontrava na sociedade condições que o levassem a refletir sua condição e conseqüentemente vivia a estagnação de uma situação imposta. A literatura produzida até o século XVIII reafirmava essa condição. Entretanto, a partir do século XVIII, ainda segundo essa autora, mesmo no auge do individualismo alguns filósofos ponderaram e criticam certos ideais enraizados, sendo assim, BEAUVOIR (1970, p. 140) destaca:

o ideal democrático e individualista do século XVIII é favorável às mulheres; elas apresentam-se à maioria dos filósofos como seres humanos iguais aos do sexo forte. Voltaire denuncia a injustiça de sua sorte. Diderot considera que sua inferioridade foi em grande parte, *causada* pela sociedade. "Mulheres, eu vos lamento!", escreve. Considera que "em todos os costumes, a crueldade das leis civis aliou-se à crueldade da Natureza contra a mulher.

As considerações destacadas permitem compreender que no século XVIII havia novas concepções sobre a mulher, quando os filósofos à iguala ao homem, e isso era propício para o avanço da tão sonhada liberdade, mas ao mesmo tempo eles apontam uma compreensão da situação imposta as mulheres, que na época eram inferiores ao homem, e viviam sob a submissão dos homens.

2.2 . O que se diz e o que se ver sobre a mulher no mercado de trabalho: os escritos e os vividos

A sociedade está passando por uma verdadeira revolução no que se refere a cultura e valores femininos, valorizando sua capacidade de trabalho em equipe contra o antigo individualismo. Na atualidade, as mulheres ocupam postos nos tribunais superiores, nos ministérios, no topo de grandes empresas, em organizações de pesquisa de tecnologia de ponta. Pilotam jatos, comandam tropas, perfuram poços de petróleo e etc, cargos antes concebidos ao homem. Mas, infelizmente, essa inserção vem acompanhada pelo preconceito e/ou discriminação em que a mulher exerce a mesma função do homem mas ganha um salário inferior ao dele.

Nesse sentido Probst (2007, p.1) relata que:

As convenções do início do século, ditavam que o marido era o provedor do lar. A mulher não precisava e não deveria ganhar dinheiro. As que ficavam viúvas, ou eram de uma elite empobrecida, e precisavam se virar para se sustentar e aos filhos, faziam doces por encomendas, arranjo de flores, bordados e crivos, davam aulas de piano etc. Mas além de pouco valorizadas, essas atividades eram mal vistas pela sociedade. Mesmo assim algumas conseguiram transpor as barreiras do papel de ser apenas esposa, mãe e dona do lar, ficou, para atrás a partir da década de 70 quando as mulheres foram conquistando um espaço maior no mercado de trabalho.

Contudo, apontar essas conquistas da década de 70 impõe destacar também que elas são resultados de uma árdua luta como destaca Beauvoir (1975, p. 149)

As mulheres são principalmente utilizadas na fiação e na tecelagem. Os patrões muitas vezes as preferem aos homens. "Trabalham melhor e mais barato." Esta fórmula cínica esclarece o drama do trabalho feminino. Porque é pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano; mas foi uma conquista singularmente árdua e lenta.

Essa fórmula "cínica" de que trata a autora, perdurou por muitas décadas, marcando todo um processo de produção, luta e emancipação. E, não podemos deixar de frisar que em algumas regiões ou sociedades, ainda permanece esse quadro de exploração, desigualdade e desrespeito. Condições que sofre alterações segundo Beauvoir (1975, p.148) a partir do advento e desenvolvimento industrial:

Como o súbito desenvolvimento da indústria exige uma mão-de-obra mais considerável do que a fornecida pelos trabalhadores masculinos, a colaboração da mulher é necessária. Essa é a grande revolução que, no século XIX, transforma o destino da mulher e abre, para ela, uma nova era.

Nos últimos anos acompanhamos o crescimento da mulher e sua inserção no âmbito do trabalho, juntamente com outros fatores como a cultura, política e o social. E devido ao avanço das indústrias no Brasil, foi que a mulher começou a ser vista pela sociedade, embora essa visão ainda tivesse sido mínima, mas já era um começo para o avanço de novas conquistas, proporcionando sua inclusão no mercado de trabalho.

No texto Trabalho Feminino e Sexualidade Rago (1985,p.579), faz uma observação acerca das primeiras trabalhadoras da industrialização brasileira, demonstrando que a partir do cotidiano das fábricas, e da luta travada por anarquistas e socialistas, a mulher conquistou o espaço público, Rago também relata como ocorreu o início da virada da situação exposta nos textos precedentes

da condição da mulher na esfera social, por meio de uma batalha intensa das chamadas feministas, vista como as indesejáveis.

Com a implementação do capitalismo, muitas foram as mudanças, no que diz respeito ao trabalho feminino, e com elas vieram algumas leis que passaram a beneficiar as mulheres trabalhadoras. A primeira lei brasileira a proteger os direitos das mulheres em matérias trabalhistas foi o Decreto nº 21.417-A, de 17 de maio de 1932. Estabelecia que :

Art. 1º. Sem distinção do sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual.

Art. 2º. O trabalho da mulher nos estabelecimentos industriais e comerciais, públicos ou particulares, é vedado desde 22 horas até 5 horas.

Art. 7 Em todos os estabelecimentos industriais e comerciais, públicos ou particulares, é proibido o trabalho à mulher grávida, durante um período de quatro semanas, antes do parto, e quatro semanas depois.

Art. 13. Aos empregadores não é permitido despedir a mulher grávida pelo simples fato da gravidez e sem outro motivo que justifique a dispensa.

Com o passar dos anos as mulheres trabalhadoras passaram a ser asseguradas perante a lei, mas infelizmente algumas empresas ainda insistem em negligenciar essas leis, principalmente no que se refere à licença maternidade, não dando os devidos direitos que lhes são cabíveis. Contudo para que a igualdade de gênero seja implantada, se faz necessário a implementação de leis e diretrizes, tanto a nível nacional como a nível comunitário, que assegurem de um modo geral a proteção tanto do homem quanto da mulher, no que concerne aos direitos e oportunidades para todos (as).

3 DO TRABALHO À SALA DE AULA: A MULHER BRASILEIRA E SUAS LUTAS.

3.1 Mulher que lida, mulher que aprende

O Brasil desde a sua colonização desprezou a inserção das mulheres no sistema educacional, negando a estas o direito de ter uma educação formal. Somente nos conventos é que havia o aprendizado da leitura e escrita. CRAVO, (1973, p. 11,) diz que:

O objetivo era o desenvolvimento de habilidades artísticas nos trabalhos manuais e o envolvimento com a organização da casa e os cuidados com o marido, ou seja, que a mulher fosse preparada de acordo com o seguinte ditado português: “uma mulher já é bastante instruída quando lê corretamente suas orações e sabe escrever a receita da goiabada. Mais do que isto seria um perigo para o lar.

Segundo o autor, a única instrução que as mulheres recebiam era somente a dos cuidados com a casa, além disso, os homens consideravam um “perigo para o lar”, pois elas eram vista como um ser que deveriam obedecer, o que elas deveriam saber era a tecer, cuidar da casa, do marido e dos filhos. A instrução as tornariam aptas a intervenção na vida social.

ARANHA, (2000,p. 95), destaca que:

No Século XIX,(1808), mesmo com a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil, não causou ,mesmo com as imediatas inovações culturais, alterações sobre a educação feminina. São criadas algumas “[...] escolas Leigas para as meninas da elite e são contratadas preceptoras de Portugal, Da França e, posteriormente, da Alemanha para educá-las em casa.

FREIRE, (1984) analisa a família patriarcal brasileira e nela a situação da mulher. O mesmo retrata a mulher branca, descrita de maneira submissa, passiva, ociosa, sujeita à dominação do pai ou do marido. Retrata também a mulher negra, escrava, vinculada à "educação" dos sinhozinhos e sinhazinhas, destacando-a como amas de leite e negras velhas grandes contadoras de histórias. As mulheres,

tanto a índia, como a escrava e a branca eram vistas como objeto sexual do homem colonizador e proprietário.

Mediante as ideias de Freire (1984 p. 20 e 21), podemos perceber uma imagem de mulher submissa, enclausurada, ignorante e educada dentro de um modelo de família patriarcal, ao afirmar que:

Submetidas a um regime de clausura, entre pais de uma severidade cruel e maridos ciumentos e brutais e dividindo o tempo entre os cuidados dos filhos, as práticas religiosas, na capela ou nas igrejas, e os serviços caseiros, não tinham nem podiam ter na Colônia uma condição intelectual diferente da que conheciam as mulheres em Portugal [...]. A situação tradicional de inferioridade em que a colocaram os costumes e as leis, a ausência de vida social e mundana e a falta quase absoluta de instrução (pois raramente aprendiam a ler e a escrever), davam-lhes essa timidez e reservas habituais que as faziam corar ao serem surpreendidas por estranhos ou as deixavam desconcertadas diante de hóspedes e forasteiros.

A mulher permaneceu ainda, por muitas décadas proibida e ou impossibilitada do acesso a uma educação formal. Mas a partir da revolução industrial e das guerras mundiais, as condições econômicas e a necessidade imposta pelos problemas políticos e sociais criou-se novas oportunidades para a mulher que foi deixando de ser subordinada e dependente, passando a ter uma presença mais ativa na sociedade.

De acordo com Alonso,(2002) foi em meados do século XIX, que começavam a ser criadas as primeiras escolas normais para a formação de docentes. No entanto, nas últimas décadas do século XIX e início do século XX representavam um momento brasileiro de urbanização e industrialização que foram decisivas para o processo de feminização do magistério, pois apresentava a influência de atividades mais rentáveis sob os homens que começaram a abandonar as salas de aula, dando espaço às mulheres.

No decorrer dos anos, o processo de educação das mulheres e sua presença nas escolas vêm se mostrando forte e cada vez mais presente na realidade brasileira. A trajetória da mesma mostra-se extraordinária, de um período colonial onde sua educação era no lar e para o lar, para a atualidade, onde sua presença é majoritária em todos os níveis escolares, inclusive na docência da

educação superior. E isso talvez se deva ao fato das mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, onde essas estão mais voltadas à educação, numa sonhada boa colocação do mercado de trabalho.

Hoje também muitas famílias são sustentadas por mães, uma sociedade verdadeiramente matriarcal, e esse fato histórico tem mudado a questão da mulher no sistema educacional e na sociedade.

3.2 A Mulher e a Educação como meio de libertação.

A educação é um tema presente em todas as correntes de pensamento como meio de libertação ou de controle social e político, pois quando se pensa em educação nos preocupamos logo com a formação do indivíduo, buscando torná-lo um ser crítico, criativo e participante na sociedade. Mas a educação escolar vai além do ensinar o conhecimento científico, ela tem a tarefa de preparar as pessoas para a cidadania.

A cidadania é entendida como o acesso aos bens materiais e culturais produzidos pela sociedade, e ainda significa o exercício pleno dos direitos e deveres previstos pela Constituição da República. A escola deve ensinar estimulando as pessoas ao respeito mútuo, para que assim, os indivíduos possam lutar pelos seus ideais. E um desses ideais é a erradicação dos preconceitos em relação a educação feminina, que perdurou por séculos em nossa sociedade.

A mulher historicamente e culturalmente, vivia subordinada ao homem, como seu pai ou marido, e recebia instruções dentro de casa, pela sua mãe, avó ou escrava, que lhes ensinavam a costurar e realizar os afazeres domésticos, mas não tinha uma educação formal. Com o passar dos tempos, as mulheres foram ganhando independência, e algumas delas conquistaram o espaço educacional.

Simone de Beauvoir em seu livro *O Segundo Sexo Fatos e Mitos* (1970), chama a atenção para o fato de que as mulheres não são biologicamente inferiores aos homens, relatando, que não existe nenhum fato biológico que possa afirmar que a mulher seja inferior ao homem. Portanto, essa diferenciação de gêneros e funções sociais do homem e da mulher só podem ser concebidos como construções sociais.

Na obra *Do Cabaré ao Lar* de Margareth Rago (1987), podemos perceber que alguns militares defendiam a emancipação da mulher e rejeitavam os

comportamentos impostos pelas famílias burguesas, considerando que “o movimento operário da época, atuava no sentido de fortalecer a intenção disciplinadora de deslocamento da mulher da esfera pública do trabalho e da vida social para o espaço privado do lar”. (RAGO, 1987, p. 63)

A primeira lei brasileira sobre o direito das mulheres frequentarem as escolas, foi criada a partir da Constituição de 15 de outubro de 1827, conjunta a lei de criação de escolas em todas as cidades, permitindo assim que meninas frequentassem as instituições de ensino elementar, o que antes era proibido para o sexo feminino.

De acordo com BRASIL, (1827, Art. 11) fica determinado que: “Haverão escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento”. O Art. 12, da mesma constituição diz que:

As Mestras, além do declarado no Art. 6º, com exclusão das noções de geometria e limitado a instrução de aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquelas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimento nos exames feitos na forma do Art. 7o.

Embora as mulheres pudessem ser professoras, o seu ensino era limitado, não cabendo-lhes ensinar geometria, mas somente as quatro operações e a economia doméstica, e as mestras que quisessem ser promovidas se submeteriam a um exame em público para constatar se ela era digna daquela nomeação.

O Art. 13 Da mesma constituição destaca que “As Mestras vencerão os mesmos ordenados e gratificações concedidas aos Mestres”.

Segundo o Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. “Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”. Neste sentido, a mulher e o homem tem a mesma capacidade física e mental, entretanto, podemos perceber que a desvalorização e o preconceito em relação à mulher não foi totalmente erradicado na nossa sociedade.

Teoricamente somos iguais perante a lei, mas o que podemos ver na realidade é que essa tória não é bem assim, principalmente no tocante ao trabalho feminino, percebemos que mesmo depois de tantos avanços, a mulher ainda passa pelo preconceito, da diminuição de valores.

Para garantir a igualdade de gêneros, muitas outras leis foram instituídas no nosso país. Na área educacional, em 1879, as mulheres obtiveram o direito de estudar em instituições de ensino superior, mas enfrentaram duras críticas da sociedade.

3.3- Mulher X Universidade: Dificuldades e Superações

Durante séculos percebemos que o acesso da mulher ao ensino regular foi uma árdua conquista, convém lembrarmos que o ensino das mulheres era totalmente diferente do ensino dos homens. Os homens eram educados para serem advogados e médicos, enquanto que às mulheres era ensinado apenas às prendas domésticas .

Seu ingresso no ensino superior também não foi fácil, inicialmente, as mulheres foram excluídas do ensino universitário, pois o mesmo era voltado mais uma vez para a educação dos homens. Bauer (2001, p.15), afirma que:

Em meados do século XIV, devido a uma grave crise econômica, a mulher foi banida do mundo do trabalho e reclusa ao lar. A subordinação feminina era quase que total. Elas foram excluídas de atividades que desde tempos remotos, realizavam, como, por exemplo, a Enfermagem. As universidades, instituições criados no século XIII, Também foram proibidas as mulheres.

De acordo com Feclesc (2010, p.03) A entrada das mulheres na universidade aconteceu primeiramente nos Estados Unidos no ano de 1837, com a criação de universidades exclusivas para as mulheres. É no estado de Ohio que surge a primeira universidade feminina o women's college. É na segunda metade do século que as universidades femininas se espalham por boa parte dos Estados Unidos. Porém, a maioria dos women's college só oferecia o bacharelado para as mulheres,

poucos eram os que ofereciam cursos de mestrados e menos ainda os que ofereciam a opção de cursos de doutorado.

Feclesc, (2010, p.4) relata que

a inserção feminina no ensino superior no Brasil teve início no final do século XIX, ao ingressar a primeira universitária no estado da Bahia no ano de 1887, formando-se pela faculdade de medicina . No entanto, as mulheres no Brasil só foram autorizadas a frequentar um curso superior no ano de 1879 quando a elas foi concedido o direito de frequentarem o ensino universitário por Dom Pedro II, Imperador do Brasil.

Ainda Feclesc (2010, p.2), afirma que:

Atualmente a mulher desempenha um papel de igualdade com o homem na sociedade, tem direitos garantidos por lei que lhe garantem a igualdade entre os sexos. Um desses direitos adquiridos pela mulher foi o acesso à educação. Se hoje a mulher tem livre acesso ao ensino, especificamente do ensino superior, essa foi uma dura conquista que só foi alcançada após uma árdua luta travada durante muito tempo pelas mulheres.

Sempre existiu uma preocupação com a educação das mulheres na nossa sociedade, porém, sempre foi voltada para a educação doméstica. Se o acesso da mulher ao ensino regular já fora uma difícil conquista, o ingresso da mulher no ensino superior também não ficou atrás.

Apesar de ter adquirido o direito ao ensino universitário, o desafio da mulher hoje na universidade é outro: conciliar tarefas domésticas, trabalho, filhos e estudos. Mesmo diante de uma jornada de trabalho duplicada, uma parcela significativa de mulheres donas de casa tem prosseguido (ou retomado) os estudos e ingressado no Ensino Superior, aumentando ainda mais sua carga diária de afazeres.

Segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2014, “44% das jovens que trabalham e estudam também são mães, entre as que têm trabalho e estudos na rotina diária, [...] 74,6% também cuidavam dos afazeres de casa. [...] Em média, as mulheres trabalham 20,2 horas por semana no cuidado da casa, mais que o dobro da quantidade média de 9,2 horas que

os homens jovens dedicavam a esses afazeres toda semana”. Assim, apesar de ter conquistado o seu espaço nas escolas, nas universidades e no mercado de trabalho, a mulher acumulou tarefas que deveriam ser diluídas entre os homens, mas o preconceito representa uma barreira difícil de ser transposta ainda nos dias atuais.

Atualmente a tão sonhada igualdade de gênero, deve começar no lar, onde os pais devem mostrar para seu filhos que meninas e meninos tem os mesmos direitos e deveres, e que as oportunidades também deverão ser as mesmas, e que o respeito deve ser mútuo independentemente do fato de ser homem ou mulher. A igualdade de gêneros deve ser considerada como um dos principais elementos para a construção de uma sociedade com menos preconceito e discriminação.

Eleonora Menicucci, ministra-chefe da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, declara no Plano Nacional de Políticas para as Mulheres(2013-2015) que:

A igualdade de gêneros é fundamental para as sociedades democráticas e igualitárias. Muita coisa mudou desde a década de 1970, quando as mulheres entraram massivamente para o mercado de trabalho, mas ainda existem muitas disparidades. Por exemplo, as estatísticas nos mostram que as mulheres ainda têm salários menores que os dos homens e ganham 70% do que eles ganham, em média.

A questão sobre relações de gênero e o acesso à educação nos leva a imaginar o possível crescimento das mulheres no meio social, bem como também questionar as desigualdades existentes nesses espaços. Apesar da mulher ter conquistado o direito ao ensino universitário, muitos dos cursos frequentados por elas são ainda tidos como cursos femininos, como letras, pedagogia, enfermagem e etc.; enquanto os homens cursam direito, medicina, engenharia preferencialmente. Mas o que dificulta sua permanência nos cursos são o acúmulo de cargos e tarefas .

Infelizmente as leis que garantem o acesso das mulheres nas universidades não garante uma igualdade de gênero no acesso aos mesmos, pois existem barreiras como as de acúmulo de cargos, como o trabalho e as tarefas domésticas, que fazem

com que a mulher cumpra uma dupla jornada e seja desfavorecida com relação ao homem, pois a ele não é exigido o trabalho doméstico pela sociedade.

Faz-se necessário uma mudança na visão da sociedade pela a figura feminina para que ela possa exercer os seus direitos com dignidade e não recaia somente sobre ela o dever das tarefas domésticas. Isto não significa apenas uma defesa do feminismo, mas sim uma exaltação humanística dos gêneros masculino e feminino.

4 MÃE E ALUNA: IMPASSES DA DUPLA JORNADA

4.1 A maternidade, a escolarização e o trabalho- impactos e dilemas

A história das mulheres na sociedade foi por muitas décadas retratada de forma romântica e/ou preconceituosa, e principalmente como objeto de prazer e sedução. Muitas das pesquisas e produções feitas por alguns autores, não apresentavam uma discussão que retratasse o verdadeiro papel da mulher na história. Desde as primeiras organizações sociais da humanidade, a mulher exerceu um importante papel com atividades e responsabilidades na sociedade. Contudo, o que percebemos ao pesquisar a história das mulheres é que a historiografia tratou de apresentá-las apenas como a responsável pela procriação e execução do papel de mãe.

Percebemos hoje a importância de se pesquisar mais profundamente sobre o verdadeiro papel da mulher na sociedade, e qual a sua importância no contexto histórico. Tendo em vista as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, colocando-a diante de compromissos e responsabilidades antes inerentes ao homem.

PERROT (1995, p.28), diz que:

Até o século XIX, faz-se pouca questão das mulheres no relato histórico, o qual, na verdade, ainda está pouco constituído. As que aparecem no relato dos cronistas são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A

noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem.

A autora acima relata que as obras que contemplavam o papel da mulher, muitas das vezes eram obras que viam a mulher como um símbolo de beleza, ou por algum ato de heroísmo ou até mesmo por algum escândalo.

Os trabalhos apresentados na atualidade apontam para uma nova historiografia das mulheres e tem como expoentes autoras como Rago e Telles, que buscam em seus trabalhos uma análise não apenas da ascensão da mulher no mundo do trabalho, mas buscam uma leitura dos diversos aspectos do feminismo, e sem desmerecer questões culturais e sociais que marcam essa história.

SUGIMOTO, (2014, p. 7)

Um aspecto importante a observar é que a história da ditadura militar é uma história masculina: os livros trazem os homens como protagonistas eventualmente tratam das mulheres, mas não enquanto mulheres. A escassez de autobiografias femininas se deve em parte à educação cristã, segundo a qual a mulher deve ser abnegada, dar lugar aos homens e pensar que sua vida não tem tanta importância. Uma cultura em que falar dela mesma soa a narcisismo, o que não é verdade, pois autobiografias nem sempre são autoelogios – podem ser denúncias, acertos de contas, há inúmeros motivos para escrever sobre a própria vida.

O escritor acima citado faz uma observação quanto a escassez de autobiografias que respaldem a figura da mulher, e isso se dá por parte da educação cristã, que abdicou a mulher para enaltecer os homens, fazendo com que as mulheres pensassem que suas vidas não tinham importância e que o homem era o protagonista da história.

MOURA e ARAÚJO, (2004, p.47) afirma que

A mulher do novo século além de assumir funções relacionadas à sobrevivência, a tarefa de educadora e, muitas vezes, a de professora, aumentava também as responsabilidades maternas com relação aos filhos, e com isso o sentimento de sacrifício materno aumentava em relação a estes e à família.

Contudo, se por um lado as novas responsabilidades da mulher conferiam-lhe um novo status na família e na sociedade, essa nova vida também

lhes trazia uma enorme culpa, por não ter tempo suficiente para atender as necessidades pessoais e familiares.

A maternidade é considerada a mais sagrada das profissões do mundo e é uma função que exige mais preparação do que qualquer outra destinada às mulheres. Tida antes como a principal função das mulheres, bem como as obrigações domésticas, ser mãe, hoje, exige um compromisso e responsabilidade bem maior do que antes, considerando a realidade atual das mulheres que quase sempre cumprem uma dupla jornada. Dessa maneira, as diversas responsabilidades que a mulher assume costumam colidir, fazendo com que esta se encontre entre a dura opção a de ser mãe e trabalhar.

É forte a cobrança por parte das empresas públicas e privadas (da sociedade) para que a mulher possa cuidar do filho e do emprego ao mesmo tempo e de igual maneira, algo que não é tão exigido aos homens. Segundo Margareth Rago (1985) o papel da mulher na sociedade da Primeira República era manter-se dentro de casa, cuidando do lar, dos filhos e do marido, a preocupação existente em educá-la não era para que ela exercesse uma profissão, mas sim para torná-la mais apta a exercer sua função essencial, a carreira doméstica. RAGO,(1985,p.453)

Certamente, a construção de um modelo de mulher simbolizado pela mãe devotada e inteira sacrifício, implicou sua completa desvalorização profissional, política e intelectual. Esta desvalorização é imensa porque parte do pressuposto de que a mulher em si não é nada, de que deve esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido.

Quando a mulher se compromete em ser mãe e não abandona o seu emprego, ela traz para si responsabilidades ímpares para cada papel desempenhado e, conseqüentemente, na tentativa de ser autônoma, ela tende a desempenhar funções antes tidas como predominantemente masculinas, ao passo que tenta dar o seu melhor no papel de mãe. LIPOVETSKY diz que:

As tarefas de casa, com efeito, são a oportunidade de constituir territórios indenitários e pessoais, de impor seus critérios, personalizando a sua maneira de agir e pensar, de fazer valer sua

concepção da organização doméstica, do limpo, do ordenado, da alimentação ou da decoração. (LIPOVETSKY, 2007, p.255).

Considerando a difícil tarefa de ser mãe e profissional, as mulheres desse novo século não se abstém em ter filhos, mas veem essa dupla jornada com um novo sentido, como um enriquecimento, uma realização pessoal e um avanço na sua autonomia.

Adriana Scatone Bezerra, considerando os fatos vivenciados por mulheres que tem jornadas múltiplas, relata o caso de uma americana chamada Mallika Chopra, que escreveu o livro *100 promessas para meu bebê*, tratando do fato de que muitas mulheres passam anos estudando e trabalhando para alcançar sucesso na carreira profissional e depois abandonaram o trabalho para ficarem em casa cuidando dos filhos. A autora observa que isto, para muitas mulheres, não foi um sacrifício e sim um tempo precioso de suas vidas que não volta mais, algo que desejaram fazer. Entretanto, discute que foi muito difícil para a maioria, pois representou abrir mão da troca de idéias, do trabalho intelectual e da interação social do ambiente de trabalho.

Chopra (2005) afirmou também que muitas mulheres ficam infelizes em ter que abandonar sua carreira profissional diante da dupla jornada e cita outros autores em sua obra como Betty Carter & Mônica McGoldrick (1989), afirmando que as mulheres que desejam romper as barreiras dos papéis domésticos são forçadas a se conformarem com um modelo masculino, que se atém à sua competência e espera que se ajuste ao modelo corporativo, apoiando o empenho de uma mulher em ser parecida com um homem.

A autora em seu livro mostra as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para conciliar casa, trabalho e filhos, e que muitas vezes elas tem que abrir mão de um dos segmentos, então elas optam por cuidar dos filhos, e isso muitas vezes trás um sensação de impotência em não poder conciliar as múltiplas jornadas.

Quando a mulher decide romper as barreiras, ela deixa para traz o papel da mulher doméstica e passa a ser uma mulher trabalhadora, sendo assim forçada a se ajustar ao modelo masculino, quando desempenha papéis antes concedidos ao homem.

5. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Com a finalidade de conhecer a realidade vivenciada pelas alunas casadas do Curso de Pedagogia do CFP-UFCG, bem como suas dificuldades e estratégias para concluir o curso de pedagogia, foi realizada uma pesquisa do tipo exploratória sendo aplicado um questionário com doze questões, sendo três do segundo período, três do sexto período e 3 do décimo período.

Visando organizar os resultados obtidos e preservando a verdadeira identidade das alunas, as discentes foram identificadas com nomes fictícios. A entrada das mulheres nas universidades, tornou-se um árduo fardo aos quais as mulheres querem ultrapassar, sendo assim, buscou-se investigar como se deu o processo de escolarização dessas mulheres até sua entrada na Universidade, cujo os resultados obtidos foram os seguintes:

5.1 Tabela: Como se deu o seu processo de escolarização?

ALUNA	PERIODO	RESPOSTAS
ANA	2º	"Sempre foi fácil estudar, pois sempre recebi incentivos dos meus pais para que frequentasse a escola".
BRUNA	2º	"Foi difícil, muito difícil, depois do fundamental parei de estudar por 8 anos, depois fiz o ensino médio e agora faculdade".
CARLA	2º	"Foi fácil estudar, pois sempre morei na rua".
ANNY	6º	"Conclui o ensino médio sem perspectiva de entrar na faculdade, pois precisava trabalhar para ajudar meus pais, só após dez anos fiz vestibular e entrei".
BIA	6º	"Meu processo de escolarização foi muito tranquilo, nunca tive nenhum problema de aprendizagem ou interação, nem reprovação".
CLÉO	6º	"O processo de escolarização foi normal, sempre estudei em escola pública e não tive muita dificuldade".
ALICE	10º	"Meu processo de escolarização foi realizado em escola pública".
BRENDA	10º	"Aconteceu sempre desde a educação infantil até os dias atuais na rede pública de ensino".
CLEIDE	10º	"O meu processo de escolarização não foi fácil, pois iniciei os estudos um pouco tarde, aos 13 anos de idade onde tive oportunidade de estudar, no ano de 1998 comecei a 1ª série anos iniciais em escola particular e ai comecei a ter gosto de estudar e aproveitando a oportunidade que estavam me dando. No ano 2009 terminei o ensino médio em escola particular, fiz o vestibular passei para o curso de pedagogia e aqui estou no 10º período".

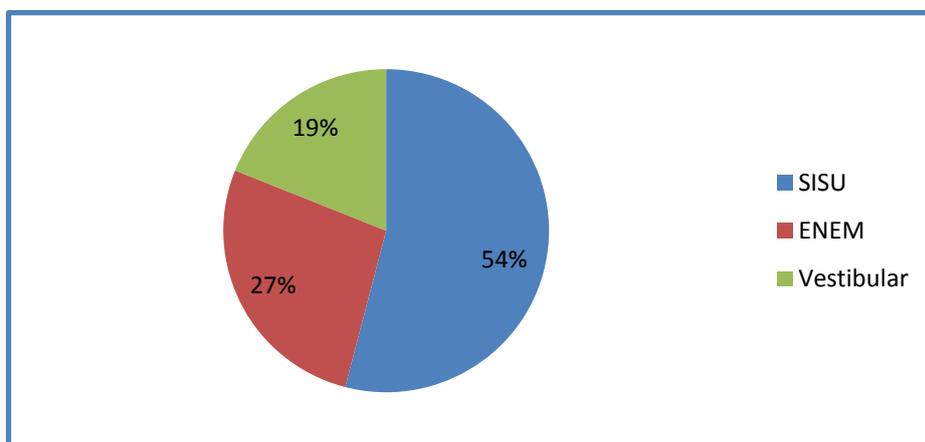
Fonte: Dados da Pesquisa

De acordo com as respostas das participantes, pode-se analisar que a maioria das alunas responderam que seu processo de escolarização foi “fácil” e que se deu em escola pública, e só uma pequena parte disse que teve dificuldade para estudar, pois precisava ajudar aos pais na renda familiar. Diferente daquelas mulheres da colonização do Brasil, que não tinham o direito de ter uma educação formal. Somente nos conventos é que havia o aprendizado da leitura e escrita.

O que percebemos é que embora o acesso à escola esteja mais fácil, o que dificulta a permanência das pessoas nela é a condição financeira, onde grande parte dos sujeitos largam os estudos para poder trabalhar. E com o crescimento do capitalismo cresce a oferta por empregos, mas com ele também se é exigido um certo grau de aprendizagem, fazendo com que o ingresso nas universidades aumente.

Diante disso levantou-se a seguinte questão: Como ocorreu seu ingresso na universidade?

Figura 5.1 Como ocorreu seu ingresso na universidade?



Fonte: Dados da Pesquisa

Analisamos que todas as alunas ingressaram na universidade por diferentes formas de seleção. Aqui no Brasil os métodos mais tradicionais de se ingressar nas Instituições de Ensino Superior (IES) são: as tradicionais provas de vestibular e a utilização do ENEM.

De acordo com o site <http://www.universia.net> (acesso em 14/10/15), diz que o vestibular Tradicional :

consiste em uma prova na qual os vestibulandos que obtêm maior pontuação ficam com a vaga. O tipo de prova depende da instituição que a aplicará. Algumas dividem o vestibular em fases, sendo a primeira eliminatória com perguntas múltipla escolha. A segunda é discursiva para testar se o estudante é claro em suas explicações. Além disso, todas as universidades cobram a realização de uma redação em alguma das fases de seus processos.

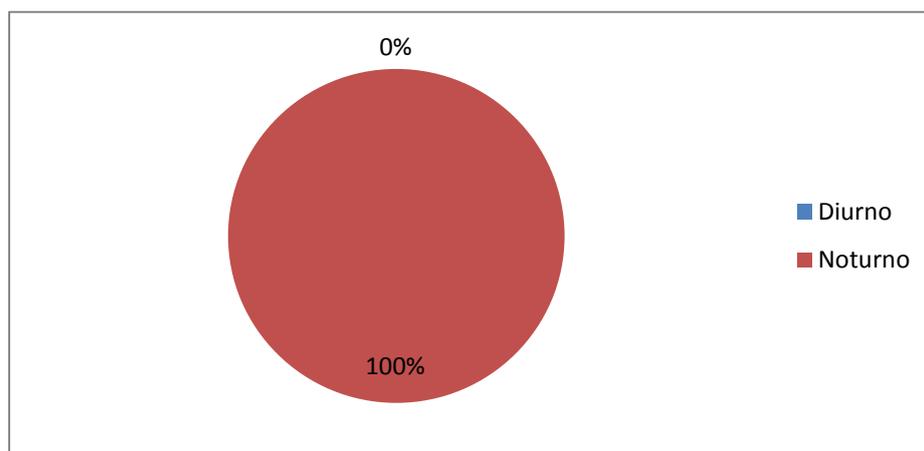
Também de acordo com o site:

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) surgiu em 1998 para medir o desempenho dos estudantes do Ensino Médio. Hoje é uma das formas de ingresso para uma instituição pública ou federal. A mudança começou em 2009 quando a prova foi modificada e passou para 180 questões divididas em dois dias com uma prova de redação.

Outra grande modificação foi a criação do Sistema de Seleção Unificada (SiSU). Trata-se de um processo organizado pelo Ministério da Educação (MEC) para selecionar os estudantes para as universidades por meio da nota obtida no ENEM. Uma das vantagens do sistema seria unificar todos os testes em um só. A nota do ENEM também é utilizada de outras maneiras: na primeira fase do vestibular como parte da nota final e também para preencher vagas remanescentes nas instituições. O site acima citado afirma que : “O Sistema de Seleção Unificada (Sisu) é o sistema informatizado, gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC), no qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidatos participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)”.

Depois de ingressadas nas universidades o dilemas das alunas seria o turno ao qual estudaria, mediante isso foi feita a seguinte pergunta: Seu curso é diurno ou noturno?

figura 5.2 Seu curso é diurno ou noturno?



Fonte: Dados da Pesquisa

Todas as alunas analisadas estudam no período noturno. E segundo estudo do Inep (2009) Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais: Na graduação presencial, as mulheres correspondem a 55,1% do número total de matrículas e a 58,8% do número total de concluintes.

De acordo com Terribili Filho (2008,p.), da revista pensamento e realidade ressalta que:

Das 4.453.156 matrículas no ensino superior no Brasil, 60,1% está no período noturno. O índice é elevado neste período e tem crescido anualmente, pois permite que o estudante trabalhe durante o dia para custear seus estudos. Este fato tem exigido que a relação Educação-Trabalho se torne cada vez mais estreita, para tanto, a maioria das instituições privadas de ensino superior tem atribuído elevada prioridade à “formação profissional” de seus estudantes. O Estado deve incentivar a criação de novos postos de trabalho através de políticas públicas, as empresas devem contribuir para a especialização de seus profissionais e o sistema educacional deve oferecer, além da formação profissional, a formação do homem e do cidadão. A velocidade da evolução tecnológica na atualidade tem imposto um contínuo processo de mudanças e adaptações a uma economia globalizada e neoliberal, que tem no débil tripé com suas incongruentes escoras Estado, Empresas e Escola sua sustentação.

Mediante o exposto foi perguntado as alunas se o horário do seu curso favorece ou dificulta sua assiduidade.

Tabela 5.2 O horário do seu curso favorece ou dificulta sua assiduidade?

ALUNAS	PERÍODO	RESPOSTAS
ANA	2º	“Favorece, pois se estudasse pela manhã seria mais difícil”.
BRUNA	2º	“Favorece”.
CARLA	2º	“Favorece, tenho algumas dificuldades, mas é mais fácil do que se fosse pela manhã”.
ANNY	6º	“Favorece”.
BIA	6º	“Favorece, embora seja muito cansativo, já que eu chego em casa uma hora da manhã. Por outro lado tenho o dia inteiro para realizar outras tarefas”.
CLÉO	6º	“Favorece, pois de dia fico em casa cuidando da casa e da família”.
ALICE	10º	“Favorece, pois não teria condições de estudar em outro turno, preciso trabalhar e a cidade oferece poucas oportunidades de emprego por meio período”.
BRENDA	10º	“Favorece, pois durante o dia trabalho em uma escola e cuido dos afazeres domésticos”.
CLEIDE	10º	“Dificulta, pois quem estuda a noite geralmente tem dificuldade por conta da correria do dia, no meu caso trabalho o dia todo, moro fora e quando chega a noite já estou cansada e até estressada, mesmo assim não gosto de perder aula, pois é muito importante que não podem se dar o luxo de faltar porque perder as explicações que não terá como recuperar depois”.

Fonte: Dados da Pesquisa

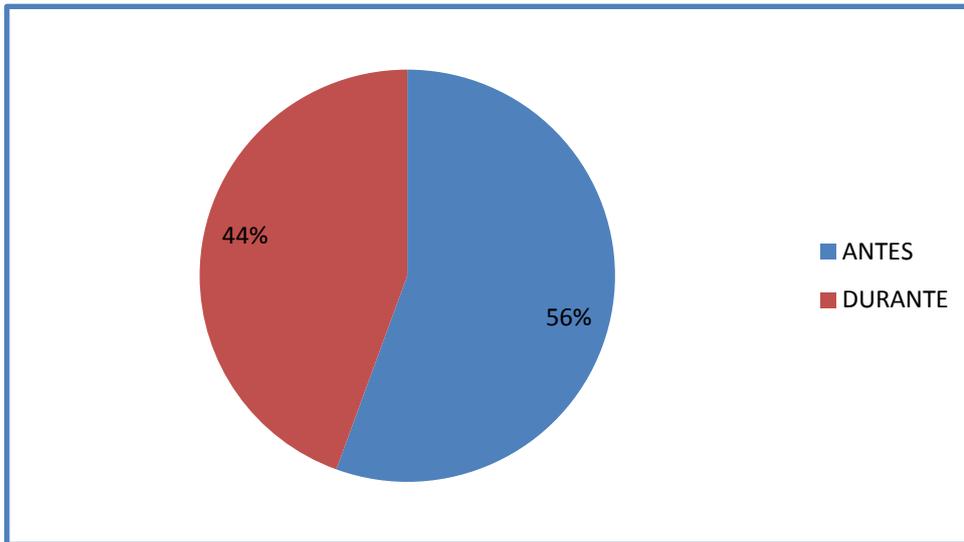
Analisamos que as alunas, dizem que estudar a noite favoreceu quanto sua assiduidade, pois dizem que durante o dia precisam trabalhar e/ou cuidar dos afazeres doméstico, bem como com os filhos e maridos.

Segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2014, “44% das jovens que trabalham e estudam também são mães, entre as que têm trabalho e estudos na rotina diária, [...] 74,6% também cuidavam dos afazeres de casa.

Já a aluna que diz sentir dificuldade ao estudar a noite, alega a falta de disponibilidade mediante as tarefas realizadas durante o dia, e diz “que quando chega a noite ela já está “cansada e estressada”. Trabalhar e estudar ao mesmo tempo representa, como podemos analisar, um grande desgaste físico, pois além de viver em uma corrida constante o sujeito não consegue se alimentar direito, e as atividades de lazer ficam em segundo plano, quando na maioria das vezes nem existem.

E quando a aluna é casada essa carga costuma triplicar mediante aos afazeres, daí perguntou-se as alunas se sua vida matrimonial se deu antes ou durante o curso de pedagogia

Figura 5.3 Sua vida matrimonial se deu antes ou durante o curso de Pedagogia?



Fonte: Dados da Pesquisa

Mais da metade das alunas analisadas já ingressaram no curso de pedagogia casada. E isso exige que elas tenham muitas habilidades para conciliar, pois não são todos os maridos que permitem que elas estudem.

De acordo com Beauvoir (1970 p. 138) "Os homens são tiranos [...] Tratam-nos como brinquedos [...] fazem de nós suas lavadeiras e cozinheiras." E ainda na mesma obra a autora relata uma fala de Rousseau onde o mesmo faz o intérprete da burguesia, destina a mulher ao marido e à maternidade. "Toda a educação da mulher deve ser relativa ao homem... A mulher é feita para ceder ao homem e suportar-lhe as injustiças".

Infelizmente, percebemos essa atitude machista ainda hoje, quando muitos homens não permitem que suas esposas trabalhem ou estudem, querem que elas vivam submissas a eles.

Freire, (1984 p. 20 e 21), descreve uma imagem de mulher submissa, enclausurada, ignorante e educada dentro de um modelo de família patriarcal, ao afirmar que:

Submetidas a um regime de clausura, entre pais de uma severidade cruel e maridos ciumentos e brutais e dividindo o tempo entre os cuidados dos filhos, as práticas religiosas, na capela ou nas igrejas, e os serviços caseiros, não tinham nem podiam ter na Colônia uma condição intelectual diferente da que conheciam as mulheres em

Portugal [...]. A situação tradicional de inferioridade em que a colocaram os costumes e as leis, a ausência de vida social e mundana e a falta quase absoluta de instrução (pois raramente aprendiam a ler e a escrever), davam-lhes essa timidez e reservas habituais que as faziam corar ao serem surpreendidas por estranhos ou as deixavam desconcertadas diante de hóspedes e forasteiros.

Além das dificuldades que as mulheres enfrentam por serem casadas, essa dificuldade aumenta mais quando a discente tem filhos, por isso foi feita a seguinte questão para as alunas, você tem filhos? Quantos?

Tabela 5.3 Você tem filhos? Quantos?

ALUNA	PERÍODO	RESPOSTAS
ANA	2º	“Sim,um”.
BRUNA	2º	“Sim, dois”.
CARLA	2º	“Sim, dois”.
ANNY	6º	“Sim, dois filhos pequenos”.
BIA	6º	“Sim um filho”.
CLÉO	6º	“Sim um filho.
ALICE	10º	“Não”.
BRENDA	10º	“Não”.
CLEIDE	10º	“Não”.

Fonte: Dados da Pesquisa

Analisamos que as discentes do 2º e 6º período tem um ou mais filhos, e isso faz com que sua jornada de afazeres triplique, pois os cuidados com os filhos requer muito tempo e dedicação.

Moura e Araújo, (2004,p.47) afirma que “A mulher do novo século” além de assumir funções relacionadas à sobrevivência, a tarefa de educadora e, muitas vezes, a de professora, aumentava também as responsabilidades maternas com relação aos filhos, e com isso o sentimento de sacrifício materno aumentava em relação a estes e à família.

A maternidade é considerada a mais sagrada das profissões do mundo e é uma função que exige mais preparação do que qualquer outra destinada às mulheres. Tida antes como a principal função das mulheres, bem como as obrigações domésticas, ser mãe, hoje, exige um compromisso e responsabilidade

bem maior do que antes, considerando a realidade atual das mulheres que quase sempre cumprem uma dupla jornada.

Mediante o exposto acima se deu a preocupação de investigar se a discente mãe tem mais dificuldade? Porque?

Tabela 5.4 A discente mãe tem mais dificuldade? Porque?

ALUNA	PERIODO	RESPOSTAS
ANA	2º	“Sim, devido ter que sair e deixar a filha , e também ter que conciliar com a casa”.
BRUNA	2º	“Sim, porque é corrido, tenho que dá atenção aos filhos , casa etc”.
CARLA	2º	“Sim, para se deslocar e deixar filhos e marido em busca de um sonho é difícil”.
ANNY	6º	“Sim, filhos pequenos dificulta pois eles requerem atenção e cuidados”.
BIA	6º	“Acredito que sim, porque temos que deixar nosso filho com outra pessoa e ficamos distante dele todos os dias”.
CLÉO	6º	“Minha dificuldade maior é não ter com quem deixar minha filha para vir a faculdade”.
ALICE	10º	“Sim, a discente mãe se preocupa bem mais, pois muitas dependem de outros ficarem com seus filhos para estudar”.
BRENDA	10º	“Não posso explicar bem, pois não tenho filhos, mas creio que sim”.
CLEIDE	10	“Sim, pois é mais responsabilidade ou seja é um trabalho a mais, a discente mãe tem que dar mais atenção os filhos e isso não é muito fácil”.

Fonte: Dados da Pesquisa

Independentemente da jornada de trabalho fora de casa, o cuidado com os filhos faz parte do rol de tarefas de que as mulheres têm se ocupado. Esse cuidado envolve desde as necessidades básicas quando o filho é ainda bebê, como também o acompanhamento dos deveres escolares. Chopra (2005) afirmou também que “[...] muitas mulheres ficam infelizes em ter que abandonar sua carreira profissional diante da dupla jornada”, para assim poderem cuidar melhor dos filhos e da casa.

E quando essas mulheres decidem estudar, aí é que surge mais um dilema a ser enfrentado, pois precisam deixar os filhos para estudar, e muitas contam com o apoio da família ou recorrem aos serviços de uma babá.

Mediante essas dificuldades enfrentadas indagou-se se o companheiro ou companheira da discente incentiva sua vida acadêmica. Sim ou não. Justificar

Tabela 5.5 Seu companheiro ou companheira incentiva sua vida acadêmica. Sim ou não. Justificar.

ALUNAS	PERÍODO	RESPOSTAS
ANA	2º	“Sim, ele quem me incentivou a começar e me dá apoio”.
BRUNA	2º	“Não, mas aos poucos esta aceitando”.
CARLA	2º	“Foi luta fazer com que ele permitisse, mas ajuda ficando com os filhos”.
ANNY	6º	“Sim, muito. Foi um grande incentivador para minha entrada na faculdade e agora torce para minha permanência. Mas como também estuda não consegue me ajudar como eu preciso, sua ajuda é pouca, diante de tantos afazeres”.
BIA	6º	“Sim e muito. Sempre me apoia e incentiva a prosseguir nos estudos”
CLÉO	6º	“Sim, pois nos dois almejamos um futuro melhor, assim como ele incentiva eu também o incentivo a terminar a graduação dele que é matemática”.
ALICE	10º	“Sim, meu marido me apoia em todos os ambitos e me ajuda bastante e não aceita que desista de estudar”.
BRENDA	10º	“Sim, busca sempre colaborar para que tenha tempo para realizar meus estudos”.
CLEIDE	10º	“Sim, pois ele incentiva a estudar para que um dia tenha uma formação e as vezes ajuda muito pouco, quase nada”.

Fonte: Dados da Pesquisa

Quando as mulheres expõem o pensamento do marido quanto ao fato de elas estarem estudando, percebem-se diferentes tipos de posturas que vão desde uma atitude de aceitação por parte de alguns, bem como uma atitude de indiferença por parte de outros. Aqueles maridos que se manifestam a favor de a mulher estudar normalmente também são aqueles que dão o maior apoio tanto emocional como de efetiva participação no trabalho doméstico.

Além de alguns dos maridos não manifestarem desejo de que suas esposas estudem, perguntou-se as alunas como os educadores percebem sua vida acadêmica.

Tabela 5.6 Como os educadores percebem sua vida acadêmica?

ALUNA	PERÍODO	RESPOSTAS
ANA	2º	“Normal, não me trata diferente das outras alunas”.
BRUNA	2º	“Normal, não me trata diferente”.
CARLA	2º	“Ainda não me deparei com dificuldades”.
ANNY	6º	“Da mesma forma que vê os outros alunos, sem nenhuma diferença”.
BIA	6º	“Alguns são compreensíveis, com relação as nossas limitações, outros nem tanto, mas em linhas gerais são passíveis”.
CLÉO	6º	“Normal”.
ALICE	10º	“Muitos compreendem o cansaço, mas outros querem um rendimento excelente, sem entender as inúmeras dificuldades que temos, percebo que alguns sabem e caminha no ritmo da turma”.

BRENDA	10º	“Através dos estudos realizados aqui na faculdade e a rotina do dia a dia”.
CLEIDE	10º	“Tem professor que entende e ajudam para conseguir conciliares seus diferentes segmentos de trabalho e terem êxito na empreita escolar”.

Fonte: Dados da Pesquisa

De acordo com os relatos das alunas, pode-se perceber que muitas dizem que os professores as tratam normal, e que não veem diferença quanto as alunas solteiras. Mas outra relatam que “muitos compreendem o cansaço, mas outros querem um rendimento excelente, sem entender as inúmeras dificuldades que temos, percebo que alguns sabem e caminha no ritmo da turma”.

A fala da aluna do 10º período, relata que infelizmente por parte de alguns docentes, a compreensão de que elas vivem em uma múltipla jornada, não se é percebido, fazendo com que assim elas se sintam sobrecarregadas de tarefas e afazeres domésticos, mas já para outras alunas os docentes “são compreensíveis, com relação as nossas limitações”, pois lhes dão um tempo maior na entrega dos trabalhos, e não faz tantas exigências quanto com as alunas solteiras.

Tendo em vista as dificuldades enfrentadas pelas alunas em virtude dos docentes, perguntou-se o seguinte: Quais as estratégias empreendidas por você e também por sua família, para a obtenção de um título de formação superior?

Tabela 5.7Quais as estratégias empreendidas por você e também por sua família, para a obtenção de um título de formação superior?

ALUNA	PERÍODO	RESPOSTAS
ANA	2º	“A família me apoia muito, minha mãe fica com minha filha para eu poder estudar”.
BRUNA	2º	“Um ajudando o outro, tem companheirismo”.
CARLA	2º	“Saio do trabalho cedo e meu esposo fica com os filhos”.
ANNY	6º	“Meus pais ficam com um dos meus filhos e a outra fica com pessoas que me ajudam (irmã, cunhada, prima)”.
BIA	6º	“Traçamos uma meta que é justamente a conclusão do meu curso. Tenho muito apoio do meu marido e também de meus pais, com relação a meus estudos”.
CLÉO	6º	“A nossa estratégia é um ajudar ao outro, tanto nas dificuldades financeiras como pedagógicas”.
ALICE	10º	“Meu esposo me ajuda muito, como também minha família, muitas vezes é o que me ajuda a superar as dificuldades e seguir em frente”.
BRENDA	10º	“Buscamos sempre nos ajudar mutuamente pra que possa conciliar as atividades da faculdade e as demais que tenho de dá conta”.
CLEIDE	10º	“Dedicação, força de vontade, paciência e perseverança tudo isso é valioso para se obter um titulo de formação”.

Fonte: Dados da Pesquisa

De acordo com as alunas, as estratégias empreendidas por elas e por sua família para a obtenção de um título de formação superior, é a ajuda mútua, onde a família (como: mãe, primas e marido) ficam com as crianças para elas irem para a universidade, como também dedicação, força de vontade, paciência e perseverança.

Silva (2003, p. 349), também explica que “a relação entre a escola e as famílias constitui uma relação complexa e multifacetada”.

A aluna do 6º período diz que “Traçamos uma meta que é justamente a conclusão do meu curso. Tenho muito apoio do meu marido e também de meus pais, com relação a meus estudos”.

A relação da família das alunas analisadas é muito boa, isso é de suma importância para o rendimento dessas alunas na sua vida acadêmica, pois em parte elas se sentem seguras em saber que recebem apoio de seus familiares.

Tendo em vista que as alunas recebem o apoio por parte de seu familiares, foi perguntado as alunas quais seriam as circunstâncias favorecedoras (ou dificultadoras) para sua permanência e longevidade na universidade

Tabela 5.8 Quais seriam as circunstâncias favorecedoras (ou dificultadoras) para sua permanência e longevidade na universidade?

ALUNA	PERÍODO	RESPOSTAS
ANA	2º	“Creio que se eu trabalhe fora de casa seria o trabalho, mas o que dificulta é a distancia , pois moro em outra cidade e a viagem cansa, como também minha filha que tenho que deixar na casa da minha mãe para eu estudar”.
BRUNA	2º	“A vida conjugal, e o que me favorece são meus filhos que me ajudam muito, para que eu possa concluir”.
CARLA	2º	“Meu ideal é terminar, o que dificulta é a distancia, pois moro fora”.
ANNY	6º	“A bolsa de estudo é o motivo pela qual não dou uma pausa nos estudos”.
BIA	6º	“As que me favorecem são: o conhecimento adquirido e o enriquecimento de meu currículo pessoal e profissional, já as que me dificultam é a distancia ate chegar a UFCG, e o risco de vida que corremos todos os dias e deixar a família”.
CLÉO	6º	“Ate o momento não tem nenhuma dificuldade que impeça minha permanência no curso, só minha filha como havia dito antes”.
ALICE	10º	“A vontade de obter um diploma de curso superior e ter consciência de um futuro melhor”.
BRENDA	10º	“As favorecedoras é a ajuda que recebo dos meus familiares, já as dificultoras são os excessos de trabalhos que não nos deixam ter tempo para a vida pessoal”.
CLEIDE	10º	“O importante é entender que, mesmo vivenciando um contexto escolar universitário é um desafio e sofrimento gerado por jornada de trabalho mesmo assim a possibilidade de longevidade escolar no espaço universitário exige que se desenvolva estratégias de sobrevivência é fazer a escolha e buscar o equilíbrio na realização dos diferentes afazeres”.

Fonte: Dados da Pesquisa

Ao analisar as respostas das alunas pode-se constatar que as condições que dificulta para a permanência das alunas pesquisadas no curso de pedagogia, é ter que conciliar as tarefas domésticas, o cuidado com os filhos, marido e o trabalho fora de casa, pois isso gera um sofrimento, cansaço físico e mental, além da dificuldade de morar fora, e ter que se deslocar de uma cidade para outra chegando tarde em casa. Segundo relato da aluna do 10º período.

“O importante é entender que, mesmo vivenciando um contexto escolar universitário é um desafio e sofrimento gerado por jornada de trabalho mesmo assim a possibilidade de longevidade escolar no espaço universitário exige que se desenvolva estratégias de sobrevivência é fazer a escolha e buscar o equilíbrio na realização dos diferentes afazeres” (aluna do 10º período)

O que favorece a permanência delas na universidade é o sonho de conseguir um título superior, bem como o conhecimento adquirido, como também a bolsa de estudo.

Tendo em vista as circunstâncias favorecedores e/ou dificultoras das alunas estabeleceu a seguinte pergunta Como você faz para conciliar os três segmentos diários. Casa, Trabalho e Universidade?

Tabela 5.9 Como você faz para conciliar os três segmentos diários. Casa, Trabalho e Universidade?

ALUNA	PERÍODO	RESPOSTAS
ANA	2º	“Sempre planejo o que vou fazer e uso dinâmica para conciliar”.
BRUNA	2º	“Dinâmica, estratégia e muito esforço”.
CARLA	2º	“Tem que ser dinâmica, sempre deixa a desejar em um dos segmentos”.
ANNY	6º	“Muita correria, ainda não me adaptei a rotina da faculdade. Dou prioridade aos meus filhos, mas faço tudo para cumprir com meus deveres acadêmicos”.
BIA	6º	“A correria é grande, porém tive que abdicar do trabalho para me dedicar mais a família e aos estudos”.
CLÉO	6º	“Dividindo meu tempo entre as tarefas que tenho que fazer”.
ALICE	10º	“Foi difícil, tive que abrir mão de algumas coisas e trocar de emprego para conciliar os três segmentos”.
BRENDA	10º	“Tento dá atenção aos três segmentos porém sempre fica um que não podemos da conta e quase sempre é a casa”.
CLEIDE	10º	“Para conciliar os segmentos diário é preciso se organizar o tempo dando preferência o mais importante como os trabalhos da universidade e por último deixo os afazeres de casa”.

Fonte: Dados da Pesquisa

As alunas relataram que as estratégias que elas utilizam para conciliar os seguimentos casa, trabalho e universidades, é usar muita dinâmica, planejamento e organização do tempo. Embora elas tentem conciliar os três seguimentos, elas afirmam que sempre fica um dos seguimentos a desejar.

Muitas mulheres não conseguem se planejar e dividem mal o tempo entre o expediente de trabalho, a rotina pessoal e as aulas, e a situação piora entre as mulheres que já formaram família e têm filhos pequenos.

Lipovetsky(2007) diz que:

As tarefas de casa, com efeito, são a oportunidade de constituir territórios indenitários e pessoais, de impor seus critérios, personalizando a sua maneira de agir e pensar, de fazer valer sua concepção da organização doméstica, do limpo, do ordenado, da alimentação ou da decoração. (LIPOVETSKY, 2007, p.255).

Considerando a difícil tarefa de ser mãe e profissional, a mulher desse novo século não se abstém em ter filhos, mas vê essa dupla jornada com um novo sentido, como um enriquecimento, uma realização pessoal e um avanço na sua autonomia.

6 DIALOGANDO COM OS DADOS

Com base nesses dados podemos analisar que o percurso estudantil de alunas casadas do Curso de Pedagogia do CFP-UFCG não foi fácil, observamos que desde suas primeiras escolarização até o ingresso na universidade, elas passaram por uma árdua caminhada. As alunas descreveram que embora tivessem o acesso a educação, com um tempo tiveram que desistir dos estudos para poderem trabalhar, mas conforme o tempo foi passando elas foram sentindo a necessidade de retornar os estudos e conquistar um título superior. Diferente daquelas mulheres da colonização do Brasil, que não tinham o direito de ter uma educação formal.

Ao escolherem o retorno para a escola, as alunas têm como principal objetivo promover o seu desenvolvimento pessoal e profissional e buscam, através

da universidade, melhorar sua capacidade intelectual. Mas esse retorno aos estudos implica em uma decisão que envolve outras pessoas como família, filhos, marido o patrão, etc.

Mesmo diante de várias situações de direitos negados as mulheres estão voltando mais para as universidades. Apesar de terem adquirido o direito ao ensino universitário, o desafio dessas mulheres hoje na universidade é outro é conciliar tarefas domésticas, trabalho, filhos e estudos. As alunas relataram que as estratégias que elas utilizam para conciliar os seguimentos acima citado é usar muita dinâmica, planejamento e organização do tempo.

O papel do professor é fundamental para evitar que o aluno deixe de frequentar a escola mais uma vez, evitando assim mais um fracasso escolar, o que os docentes poderiam fazer para amenizar o sentimento de insegurança, seria valorizar os saberes que os alunos trazem para a sala de aula, bem como suas habilidades profissionais, resgatando assim sua autoestima e fortalecendo sua auto confiança.

De acordo com Freire (1996), a prática docente é a base para uma boa formação escolar e influencia para a construção de uma sociedade pensante. No entanto, para que isso aconteça, é preciso que o professor encare o verdadeiro caminho do aprender a ensinar. Entretanto ensinar é uma responsabilidade que precisa ser trabalhada e desenvolvida, pois, o verdadeiro educador precisa estar sempre renovando sua prática pedagógica, para que da melhor maneira possível possa atender a seus alunos, por meio do comprometimento, assumindo assim o seu papel de um verdadeiro educador.

Mas apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelas alunas, elas relatam que o que favorece a permanência delas na universidade é o sonho de conseguir um título superior, e ter a consciência de um futuro melhor, bem como o conhecimento adquirido, afirma também que a bolsa de estudo é um dos motivos que favorece sua permanência no curso.

As estratégias empreendidas por ela e sua família para conciliar os seguimentos casa, trabalho e universidades, e garantir sua longevidade no curso de pedagogia é usar muita dinâmica, planejamento e organização do tempo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso trabalho baseou-se em uma análise das dificuldades enfrentadas pelas mulheres casadas do Curso de Pedagogia do CPF-UFCG para permanecerem no curso e quais as estratégias utilizadas pelas mesmas para obtenção de um título no ensino superior. Podemos perceber, a partir da análise das mulheres entrevistadas, que é um desafio conciliar a carreira profissional com o trabalho doméstico, filhos e vida acadêmica, em que elas se veem em uma múltipla jornada ao mesmo tempo que querem ser competentes em todos esses segmentos.

Hoje o perfil das mulheres é muito diferente daquele do começo do século XIX. Além de trabalhar e ocupar cargos antes restritos aos homens, ainda agregam as tarefas tradicionais que é de ser mãe, esposa e dona de casa.

Trabalhar fora de casa é uma conquista relativamente recente pelas mulheres. Ganhar seu próprio dinheiro, ser independente e ainda ter sua competência reconhecida é motivo de orgulho para todas.

Mas apesar dos direitos conquistados pela mulher no mercado e na área educacional, adquirindo mais instrução, os salários não acompanharam este crescimento, principalmente devido à discriminação de gênero. Apesar disso, ela está conseguindo um espaço muito grande na sociedade atual em áreas que antes eram especificamente masculinas, ganhando respeito profissional.

O grande desafio para as mulheres dessa geração, é tentar conciliar a carreira profissional com o trabalho doméstico, filhos e vida acadêmica, no qual elas se veem em uma múltipla jornada e, ao mesmo tempo, querendo ser competentes em todos esses segmentos.

As mulheres já mostraram que além de ótimas cozinheiras, podem também ser boas motoristas, mecânicas, engenheiras, advogadas. As mulheres evidenciaram que são perfeitamente capazes de cuidar de si, de conquistar aquilo que desejam, como um curso superior.

Dessa forma, a relevância do tema, que partiu das adversidades vivenciadas ao longo do curso, no sentido de conciliar a vida cotidiana com a vida acadêmica, nos levou à observação de que o mesmo ocorria com a grande maioria das mulheres.

As dificuldades enfrentadas pelas mulheres, de acordo com os resultados da nossa investigação, nos levam a refletir que são, muitas vezes, consideradas como normais e que a conquista dos direitos que antes não tinham foi o que levou ao que chamamos de dupla jornada. Entretanto, o acúmulo de tarefas e papéis que a figura feminina tem hoje na sociedade é resultado de uma desigualdade de gêneros que vem sendo mantida ainda de uma forma velada na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M.L. *Filosofia da Educação*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- BAUER, Carlos. *Breve História da mulher no mundo ocidental*- São Paulo: Xamã. Edições Pulsar. 2001.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Difel/Difusão Editorial S.A., 1975
- BEZERRA, Adriana Scatone. **revista SER MELHOR**, o artigo Ser mulher, mãe e profissional - questões atuais. Disponível em: www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/.../420-07082010-184618.pdf
- BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. **Os excluídos do interior**. In: BOURDIEU, P.*et al.* *A Miséria do Mundo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 481-486.
- BRASIL. *DECRETO Nº 21.417*, 17 de maio de 1932. Regula as condições do trabalho das mulheres nos estabelecimentos industriais e comerciais. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21417-17-maio-1932-559563-publicacaooriginal-81852-pe.html> . Acesso em: 01/11/2015.
- Brasil. [LEI DE 15 DE OUTUBRO DE 1827](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-15-10-1827.htm). Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-15-10-1827.htm. Acesso em: 01/11/2015.
- BRASIL. **Secretaria de Políticas para as Mulheres**. Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013. 114 p.
- CHOPRA, Mallika. **100 promessas para meu bebê**. Rio de Janeiro, Ed. Sextante, 2005.
- CRAVO, V.L.Z. **A Influência da Mulher na Independência**. Boletim do do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, v. XVIII, 1993, p. 9-17.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERAL DO BRASIL DE 1988**. ART. 113, inciso 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 08/10/2015.
- Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf. Acesso em: 08/10/2015.

FECLESC Nathalia Bezerra. **MULHER E UNIVERSIDADE: A LONGA E DIFÍCIL LUTACONTRA A INVISIBILIDADE.** essas para meu bebê, Mallika Chopra, Rio de Janeiro, Ed. Sextante, 2

FREYRE, G. **Casa grande e senzala.** 23. ed. Rio de Janeiro: Olympio Editora, 1984.

FREIRE, Paulo. **A Educação como Prática da liberdade.** 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da libertação em Paulo Freire.** São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido.** 10ed.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura)

GHIRALDELLI, **Junior Paulo.** *História da Educação brasileira.* São Paulo: Cortez, 2006.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** www.ibge.gov.br. Acesso em 10/11/15.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MELLO, Ana Claudia. **As mulheres na guerra.** Disponível em: <http://pre.univesp.br/as-mulheres-na-guerra#.Vk0s67-ac98>. Acesso em: 01/11/2015.

Moreno. Ana Carolina. *Só 14,4% das jovens de 15 a 29 anos que trabalham e estudam têm filhos.* Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/12/so-144-das-jovens-de-15-29-anos-que-trabalham-e-estudam-tem-filhos.html>. Acesso em: 07/11/2015.

MOURA, Solange M. S. Rolim; ARAÚJO, Maria de Fátima. **A maternidade na história e a história dos cuidados maternos.** Psicologia: ciência e profissão\Conselho Federal de Psicologia. Ano 24. N 1. Brasília. DF. 2004.p.45-55.

PARASURAMAN, A. **Marketing research.** 2. ed.Addison WesleyPublishing Company, 1991Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Perrot Michelle. **ESCREVER UMA HISTÓRIA DAS MULHERES:** relato de uma experiência. DOSSIÊ : "História das Mulheres no Ocidente" cadernos pagu (4) 1995: pp. 9-28.

PRIORE, Mary Del e BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil.** 10. ed., 1ª reimpressão. -São Paulo : Contexto, 2011.

PROBST, Elisiana. **A evolução da mulher no mercado de Trabalho**. Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>. Acesso em: 01/11/2015.

RAGO, M. **Trabalho Feminino e Sexualidade**. In Del Priore, M. *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo Contexto, 2004. Páginas do capítulo.

SOUZA e SILVA, Jailson de. **Por que uns e não outros?:** caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

SUGIMOTO, Luiz. **Mulheres na linha de frente**. Jornal da Unicamp. Ano 2014. Nº 592.

TELLES, Lygia Fagundes. **Mulher, Mulheres**. In: DEL PRIORE, Mary. (Org); *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais:** identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.

Apêndice



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



Questionário

O percurso estudantil das alunas casadas do curso de Pedagogia do CFP- UFCG: Desafios e estratégias da dupla jornada.

Dados de identificação

Nome: _____ Período _____
Formação _____
Local de trabalho _____

Questões

1-Como se deu o seu processo de escolarização?

2-Como ocorreu seu ingresso na universidade?

3-Seu curso é diurno ou noturno?

4-O horário do seu curso favorece ou dificulta sua assiduidade.

5-Sua vida matrimonial se deu antes ou durante o curso de Pedagogia?

6-Você tem filhos? Quantos?

7-A discente mãe tem mais dificuldade? Porque?

8-Seu companheiro ou companheira incentiva sua vida acadêmica. Sim ou não Justificar.

9-Como os educadores percebem sua vida acadêmica?

10-Quais as estratégias empreendidas por você e também por sua família, para a obtenção de um título de formação superior?

11-Quais seriam as circunstâncias favorecedoras (ou dificultadoras) para sua permanência e longevidade na universidade?

12- Como você faz para conciliar os três segmentos diários. Casa, Trabalho e Universidade?

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO – UAE

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) no estudo **A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA**, coordenado pelo professor **EDILSON LEITE DA SILVA** vinculado a **UACEN/CFP/UFCG**.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo analisar a importância e influência das tecnologias digitais da informação e comunicação no processo do ensino e aprendizagem da leitura e escrita em sala de aula, discutindo pontos positivos e negativos e se faz necessário por ressaltar a importância da tecnologia no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita verificando o uso de recursos tecnológicos com professores do ensino fundamental no processo de leitura e escrita;

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário(a).

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada em **NOME DO COORDENADOR**, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida em relação ao estudo e a minha participação. Portanto, concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Assinatura do participante voluntário(a) do estudo

Assinatura do responsável legal

Assinatura do responsável pelo estudo

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Prof.º Ms. Edinaura Almeida de Araujo

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras
E-mail: edinauraa@hotmail.com